



## discursos de abertura do V encontro nacional

**PAULO PAIVA**

Prezados colegas,

Honra-me muito o privilégio que me concederam de poder representá-los neste momento em que celebramos os primeiros dez anos da ABEP.

Quero que minhas primeiras palavras sejam de agradecimentos.

De agradecimento aos membros da diretoria que solidariamente geriram nossa associação nestes últimos dois anos, tornando muito fácil minha tarefa.

De agradecimento aos funcionários da ABEP (Haydn, Verônica, Elisa) pela dedicação e apreço ao trabalho.

De agradecimento às agências e instituições que acreditaram na ABEP e tornaram possíveis nossas atividades. Em especial à Fundação Ford, à Fundação SEADE, ao CNPq e à FINEP.

De agradecimento à comissão organizadora deste encontro na pessoa de sua coordenadora, Ana Amélia, e aos funcionários da Fundação SEADE que nos ajudam nestes dias.

De agradecimento aos nossos colegas que vieram do exterior para comemorar conosco os dez anos da ABEP. Ansley Coale, Charles Wood, Alan Bideau, William Brass, George Tapinos, Jean Bourgeois-Pichat, Carmem Miró, Carmem Arretx, Raul Benitez, Alfredo Lattes, Axel Mundigo, Mercedes Concepcion, Thomas Merrick, Eramis Bueno, Hugo Behm, Mario Torres, Thomas Frejka, Marc Farren.

De agradecimento a todos vocês que têm feito da ABEP uma das associações científicas mais dinâmicas e produtivas do Brasil. E, indubitavelmente, a associação científica mais charmosa e simpática de nosso país.

Nós últimos dez anos de nosso convívio presenciamos e participamos de dois processos independentes de transição. A transição demográfica e a transição democrática.

De um lado, assistimos uma mudança profunda nos padrões do crescimento demográfico brasileiro.

Os níveis de fecundidade vêm caindo em ritmo sem precedentes em nossa história demográfica, transformando a estrutura etária de população e reduzindo o número médio de filhos por casal em todos os estratos de população.

As pessoas abandonam sua residência no campo, concentrando-se nas grandes cidades. Reduz-se, em termos absolutos, a população rural.

Estas transformações impõem novas necessidades sociais enquanto antigas carências ainda não foram atendidas.

Temos ainda uma população predominantemente pobre. A mortalidade infantil permanece alta em várias regiões. A malária e sarampo voltam a nos preocupar.

O subemprego, a fome e a miséria compõem a face maior deste país.

Novas preocupações sociais surgem como decorrência das transformações demográficas, como o amparo à velhice, cuja proporção aumenta na população, e os serviços de saúde para a população mais velha.

Outras advêm do progresso tecnológico como o treinamento e a adaptação de mão-de-obra. E o temor do desemprego.

É a junção de novos problemas, típicos de países avançados, com velhos problemas de países pobres, não solucionados.

De outro lado, participamos com toda a sociedade brasileira de um processo, que acreditamos irreversível, de derrubada do regime autoritário e de construção da democracia.

Processo que teve seu momento épico na mobilização popular pelas eleições diretas e deverá ter sua consolidação na nova carta magna a ser aprovada pelos constituintes, que elegeremos em novembro próximo.

Processo que definirá um caminho mais livre e mais justo para o Brasil se tivermos nós a coragem e a determinação que fizeram dos saudosos Teotônio Vilela e Tancredo Neves seus heróis – NOSSOS HERÓIS.

Olhamos para o futuro.

A menos de uma década e meia estaremos ingressando no século XXI.

Ainda nos desafiam questões que afligiram outras nações até o século XVIII.

Não fomos capazes de eliminar a fome, o subemprego e a miséria, apesar do próspero crescimento econômico.

Isto faz com que algumas pessoas ainda creiam que a superação destes problemas de-



va ser feita apenas através do controle da natalidade.

Temos o dever de enfrentar estes desafios sem comprometermos os direitos que têm os cidadãos de serem livres.

Livres para trabalhar com dignidade  
Livres para escolher a vida e não a morte  
Livres para construir seus próprios destinos.

As perspectivas e as potencialidades da economia brasileira no médio prazo nos oferecem razões para otimismo.

Apesar das dificuldades que ora enfrentamos na execução da política de estabilização, existem condições objetivas que favorecem o crescimento da economia brasileira no médio prazo.

Mas crescer apenas não basta.  
Há de saber como crescer  
Para a eliminação da miséria e do subemprego será necessário enfrentar QUATRO grandes desafios.

O primeiro é a conquista definitiva de nossa soberania através de uma mudança ampla nas relações externas que bloqueie, de vez, as remessas líquidas de renda e evite a subordinação de nossa economia às vicissitudes das políticas de protecionismo comercial e de flutuações deliberadas nas taxas de juros internacionais.

O segundo é a transformação ampla da estrutura fundiária deste país para permitir o uso mais racional e mais justo da terra e garantir o acesso ao trabalho e à renda a milhões de brasileiros sem terra.

Quer pela ótica de eficiência econômica, quer pela ótica de justiça social, urge a reforma agrária. O aumento da oferta de empregos, o aumento da produção agropecuária.

O terceiro é a geração de empregos. É necessário estimular o crescimento econômico para oferecer trabalho tanto àqueles que se incorporam ao mercado de trabalho em função do crescimento demográfico, quanto às mulheres que, por sua luta e decisão, vêm crescentemente se engajando em atividades econômicas.

Mas o crescimento econômico não é suficiente. Outras medidas se fazem necessárias. A mais urgente decorre do descompasso entre as relações de trabalho e a base tecnológica de nosso sistema produtivo.

Impõe-se a redução da jornada de trabalho.

O quarto é a reorientação das políticas de renda para efetivar uma distribuição mais justa dos frutos do progresso e para erradicar definitivamente a pobreza deste país.

Não vencendo estes desafios, teremos no futuro a consolidação de dois países distintos. O dos ricos-pequeno, próspero, com alta produtividade, moderno.

O dos pobres-grande, miserável, abandonado. Objeto das políticas compensatórias.

É dentro deste contexto que se constroem nosso conhecimento e nossa prática.

Sabemos que sem vencer esses desafios não eliminaremos a pobreza.

Esta, então, conviverá com uma população onde a participação relativa dos velhos será maior. Com uma população com relativamente poucas crianças, onde predominarão, com certeza, os casais sem filhos.

Será a triste mistura da miséria com a solidão.

Se antevemos este cenário, devemos dizer NÃO à pobreza e à solidão.

Sabemos e podemos dizer SIM, através de nossa prática profissional e política, à esperança e ao progresso com justiça.

A esperança que renasce com a vida e não se extingue com a morte.

A esperança, cujo brilho nos olhos das crianças de hoje é a certeza de que receberão no século XXI um país mais livre e mais justo.